

SERVIÇO DE ANIMAÇÃO BÍBLICA – SAB

**“Porei em vós meu Espírito
e vivereis”**

(Ez 37,14)

Livro de Ezequiel

Mês da Bíblia – 2024

Texto para o povo



Paulinas

Direção-geral: *Ágda França*

Editora responsável: *Maria Goretti de Oliveira*

Elaboração dos textos: *Zuleica Aparecida Silvano*

(introdução e textos preparatórios de cada encontro)

Marina Pascual Pizoni, Diego Patricio Vera Vélez

e *Paulo Henrique Laurêncio dos Santos* (primeiro encontro);

Eliani Aparecida Araujo Costa e Inácio José Tadeu Rodrigues

Martins (segundo encontro);

Carlos Eduardo de Vasconcelos e Liliane Zschaber Corrêa Gomes
(terceiro encontro);

Elaine Maria Santos Ramalho Rodrigues Diniz e

Rogélio Melgarego Prieto (quarto encontro);

Maria Inês Costa Carniato, Maria Nady Martins e

Rita Renilda Guimarães Protzner (celebração);

Ruth Almeida Moreira de Souza e Zuleica Aparecida Silvano

(maratona bíblica);

Copidesque e revisão: *Ana Cecília Mari*

Coordenação de revisão: *Marina Mendonça*

Gerente de produção: *Felício Calegato Neto*

Capa e diagramação: *Elaine Alves*

Imagem de capa: *Cláudio Pastro*

Créditos: Selo Mês da Bíblia – *José Antonio Pinheiro Filho*

Músicas: Paulinas/COMEP

José Fernandes de Oliveira (Pe. Zezinho)

Luiz Turra

Verônica Firmino

Para outras informações, dirija-se ao

Serviço de Animação Bíblica – SAB

Rua Dona Inácia Uchoa, 62, 7ª andar

04110-020 – São Paulo – SP (Brasil)

☎ (11) 2125-3500

✉ sab@paulinas.com.br

1ª edição – 2024

Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão escrita da Editora. Direitos reservados.



Cadastre-se e receba nossas informações
www.paulinas.com.br

Telemarketing e SAC: 0800-7010081

Paulinas

Rua Dona Inácia Uchoa, 62

04110-020 – São Paulo – SP (Brasil)

☎ (11) 2125-3500

✉ editora@paulinas.com.br

© Pia Sociedade Filhas de São Paulo – São Paulo, 2024

SUMÁRIO

Introdução	5
Texto preparatório para o 1º encontro	
Vocação e missão profética de Ezequiel	16
1º Encontro	
A mão do Senhor era forte sobre mim! (Ez 3,1-15)	20
Texto preparatório para o 2º encontro	
A responsabilidade pessoal	25
2º Encontro	
Convertei-vos e vivereis (Ez 18,20-28)	30
Texto preparatório para o 3º encontro	
A infidelidade de Israel e a renovação da Aliança	36
3º Encontro	
O Senhor purificará seu povo (Ez 36,16-38)	40
Texto preparatório para o 4º encontro	
A fonte do Templo	45
4º Encontro	
Reconstrução social à luz da Palavra de Deus (Ez 47,1-12)	48
Celebração de encerramento	
“Porei em vós meu Espírito e vivereis” (Ez 37,14)	54
Maratona bíblica 2024	59



Explicação do selo: formato circular quer indicar que a Palavra de Deus deve atingir toda a realidade. A cor dourada indica a preciosidade da Palavra (Sl 119). A Palavra vem ao centro como luz que aquece e ilumina a vida. O Alfa e o Ômega indicam Jesus Ressuscitado, princípio e fim de tudo e chave de interpretação de toda a Bíblia.

INTRODUÇÃO

Neste ano, a Comissão de Animação Bíblico-Catequética da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) e as instituições bíblicas, dentre elas, o Serviço de Animação Bíblica (SAB/Paulinas), escolheram como tema para o mês da Bíblia 2024 o “Livro de Ezequiel” (Ez) e o lema “Porei em vós meu Espírito e vivereis!” (Ez 37,14). Esse livro foi escolhido tendo em vista a preparação para o ano santo em 2025, que terá como tema a “esperança”, dado que a principal finalidade da profecia de Ezequiel é despertar a esperança na comunidade judaica, durante o exílio babilônico.

1. O CONTEXTO DE EZEQUIEL

Ezequiel, cujo nome significa em hebraico “que Deus torne forte”, era de descendência sacerdotal e provavelmente atuou em Jerusalém. Esses dados transparecem em seu livro ao trazer uma linguagem ligada ao culto, a preocupação com o puro e o impuro, a crítica à idolatria e a restauração que se dará a partir do Templo e da redistribuição da terra (Ez 40–48). Ezequiel estava no grupo que foi exilado em 598 a.C., por Nabucodonosor (605-561), que invadiu Judá no Reinado de Joaquim (598) e que, ao ser morto, foi sucedido por seu filho Joiaquin (2Rs 24,8-17; 2Cr 36,9-10), o qual também foi deposto em 597 e exilado com sua família (2Rs 24,12-16). É possível localizar a atuação de Ezequiel antes da queda de Jerusalém (597-586 a.C.) e também após (586 a.C.), dado que sua pregação se deu entre os anos 593 a 571 a.C., na Babilônia (Ez 1,1-2).

Após a invasão de Nabucodonosor, o Templo de Jerusalém e o palácio sofreram saques e foram exilados os artesãos e as pessoas influentes, residentes em Jerusalém, assim como

aqueles que eram ligados ao reinado, os sacerdotes e outros, entre eles Ezequiel. O reinado foi assumido pelo filho de Josias, Matanias, que teve seu nome mudado para Sedecias, porém havia muita instabilidade em seu governo e a esperança do retorno de Joiaquin. Muitos países vizinhos se aliaram para conspirar contra os caldeus; Judá se manteve no pacto de vassalagem até se unir com Egito, Tiro, Amon (Ez 21,24-25) e, provavelmente, Edom, em 589/588 a.C. Os babilônios iniciaram um cerco em Jerusalém, que foi interrompido pelas ameaças de ajuda vinda do Egito. Mas o cerco foi retomado (Jr 37,5-8.11; Ez 17; Lm 4,17) e, em 587, houve a queda de Jerusalém. Sedecias tentou fugir de Jerusalém com a família real, mas foi capturado próximo de Jericó. Seus filhos foram mortos, enquanto ele foi cegado e deportado para a Babilônia (2Rs 25,1-7). Jerusalém foi saqueada, as cidades de Judá foram destruídas e o Templo, incendiado (2Rs 25,9). Outras cidades de Judá foram invadidas por seus vizinhos, como, por exemplo, Edom (Ez 25,12-14), aproveitando-se da situação de desolação. Assim, aconteceu a segunda deportação da população da cidade, como os artesões e as classes dirigentes, para a Babilônia; as pessoas influentes de Jerusalém foram executadas. Os camponeses das aldeias, pequenos proprietários de terra (2Rs 25,11-12), e também os pobres permaneceram na região.

Judá se tornou uma província da Babilônia, sendo nomeado como governador Godolias (2Rs 25,22-23). Seu governo é breve, pois foi morto por Ismael, de estirpe real (2Rs 25,25), provavelmente com o apoio de Amon, com a intenção de libertar Judá do domínio da Babilônia. Mas, sem obter sucesso e prevendo uma represália violenta dos caldeus, os revoltosos se refugiaram em Amon e foram para o Egito (2Rs 25,26). Nesse contexto, ocorreu a terceira deportação narrada por Jeremias (Jr 52,30). Apesar do domínio político de Judá por parte da Babilônia, os caldeus distribuíram as terras dos

exilados para os mais pobres que ali permaneceram (2Rs 25,12; Ez 33,21-27), para que pudessem sobreviver, não sendo, obviamente, apoiados por grupos mais abastados. Porém, a situação de Judá era desoladora, pois, com a diminuição da população por causa das mortes, aldeias foram desaparecendo, além disso, as cidades foram destruídas (Ez 33,24), não havia profissionais qualificados e a economia era baseada na subsistência.

No exílio, os judeus permaneceram juntos em aldeias e gozavam de certa liberdade, tendo muitos deles prosperado, chegando a posições privilegiadas na sociedade, dado que podiam adquirir propriedades, organizar-se em grupos de famílias e por profissões (Esd 2,59; 8,17), sob a direção de sacerdotes, profetas e anciãos (Ez 8,1; 14,1; 20,1). Porém, havia o sentimento de perda de sua terra de origem, de suas propriedades, de sua posição social, e a tristeza em saber que o Templo havia sido saqueado e destruído. Por isso, Ezequiel mantinha a esperança do retorno.

Quanto ao aspecto religioso, os remanescentes de Judá continuaram com algumas práticas religiosas (Jr 41,5), e surgiram releituras teológicas para os eventos, que eram vistos como uma punição de Deus pelos pecados cometidos pelo povo e seus dirigentes (Lm 2,1-10; 4,1-11; 5,1-16). Mas se sentiam privilegiados por receberem terras para continuar suas atividades, em comparação com aqueles que foram exilados, pois acreditavam que estes tinham recebido a punição de Deus por terem explorado a população (Ez 11,15). Os exilados também se sentiam privilegiados, dado que podiam manter as suas tradições, porém viviam uma grande crise religiosa, visto que tinham perdido todas as instituições (a terra, os reis da dinastia davídica, o Templo, a cidade santa), que eram sinais da presença e da proteção divina. Ezequiel é a voz de esperança nessa crise, anunciando o retorno à terra e à vida normal (Ez 11,16-21), mas

era necessário manter a fidelidade à Aliança que foi estabelecida com o Deus de Israel. Esse projeto de retorno é descrito em Ez 40-48, tendo como centro a reconstrução do Templo, no qual Deus exercerá seu poder (Ez 43,7), e a redistribuição da terra, estabelecendo-se uma vida nova, numa sociedade nova.

2. O LIVRO DE EZEQUIEL E SUA ESTRUTURA

O livro da profecia de Ezequiel pertence aos chamados “profetas maiores” e surge nesse contexto exílico supramencionado, contendo pregações que retratam vários períodos de seu ministério profético no século VI (593-571 a.C.), porém há textos que reproduzem um trabalho redacional posterior, mas não há consenso ou até mesmo a possibilidade de identificar essas diferentes etapas presentes em seu livro. Sua profecia se deu na Babilônia, em seu exílio, durante a maior catástrofe de Judá e de Jerusalém. O cenário é de perda das lideranças, do Templo, da dinastia davídica, ou seja, das bases fundamentais que sustentavam o povo. Por isso seu livro é perpassado por oráculos de juízo e salvação, há vários gestos proféticos, parábolas, visões de experiências de êxtase e alegorias, antecipando, de certa forma, o que será chamado posteriormente de apocalíptica.

O livro pode ser estruturado em duas partes, conforme as etapas do ministério de Ezequiel. A primeira compreende os capítulos 1-32, também subdividida em dois blocos (Ez 1-24 e 25-32), retratando o período antes da queda de Jerusalém (de 593 a 587 a.C.) e visando evitar a invasão e a queda dessa cidade. Por isso, contém vários oráculos, com ameaças e exortações, dirigidos a diferentes interlocutores: Judá e seus dirigentes (Ez 1-24); aos povos, cidades e chefes estrangeiros (Ez 25-32), por se aproveitarem da situação desoladora de Judá e também pelos seus pecados. A segunda parte é composta pelos capítulos 33-48, que reproduzem o período após a conquista de Jerusalém

(Ez 33,21), a partir de 587 a.C., e que objetivam confirmar a fé e encorajar os sobreviventes e exilados, descrevendo o plano de restauração da “casa de Israel” (Ez 40–48). O livro se inicia (Ez 1–3) com dois relatos da vocação do profeta, que se dão em duas visões (da glória do Senhor e do rolo que contém a mensagem de Deus), além de várias instruções sobre sua missão. Esses relatos de vocação concluem-se com outra visão da glória de Deus e uma ação simbólica, que consiste na mudez do profeta, representando a rejeição do povo diante das palavras proféticas pronunciadas por Ezequiel (Ez 3,22-27).

Após essa introdução, começa a pregação dirigida ao povo (Ez 4–32). A primeira parte do primeiro bloco contém os oráculos contra Judá e Jerusalém (Ez 4–24), por conta de sua infidelidade ao promover a idolatria, e também contra a atuação injusta de seus dirigentes. Essas infidelidades desembocarão na destruição do Reino de Judá e, por isso, há um apelo à conversão e ao reconhecimento de sua culpa (Ez 18). Essa seção conclui-se com o anúncio do fim da nação (Ez 24). A segunda parte é composta por oráculos destinados às nações e cidades estrangeiras (Ez 25–32). São elas: Amon, Moab, Edom (Ez 25), Filisteia, Tiro, Sidônia (Ez 26–28) e Egito (Ez 29–32).

O segundo bloco é constituído por oráculos de salvação, dirigidos a Judá e Jerusalém (Ez 33–48) por meio de palavras de consolação e esperança, nas quais Deus promete conduzir seu povo, dado que suas lideranças foram infiéis (Ez 34). Nesses capítulos, é descrita a aniquilação dos poderes hostis que se ergueram contra Judá e são anunciados a restauração do povo, o retorno à terra e o reconhecimento universal da glória do Senhor (Ez 38–39). O profeta relata o futuro na terra (Ez 40–48) por meio da renovação do Templo (Ez 40–42; 47); o retorno da glória do Senhor (Ez 43); a renovação do culto e de seus ministros; a

organização do serviço litúrgico (Ez 43-46); e a redistribuição da terra entre as tribos de Israel (Ez 47,13-48,14). Por fim, temos a descrição da Jerusalém restaurada (Ez 48,30-35).

3. DESTAQUES TEOLÓGICOS

Um aspecto teológico peculiar de Ezequiel é a experiência que o profeta faz da “glória de Deus” (Ez 1,4-28; 3,12.23; 8,4; 9,3; 10,4.18; 11,22-23; 39,21; 43,2.4-5; 44,4), ou seja, da majestade divina, sua divindade, sua transcendência. Apesar de sua presença na história e da proximidade em se comunicar com o profeta, Deus permanece intangível a tudo o que é criado, por isso, quando dialoga com o profeta, serve-se da expressão “filho do homem”, ressaltando a finitude, a fragilidade, o ser criatura.

Essa glória de Deus encontra-se nas esferas celeste e terrestre, dado que habita nos céus, no Templo e na cidade de Jerusalém. Percebe-se a teologia da presença de Deus nesses locais considerados sagrados, sendo concedida a proteção divina. Porém, a presença de Deus é incompatível com o pecado, por isso ele se afasta desses locais quando há injustiça ou idolatria (Ez 8), assim como se retira do Templo (Ez 10,18-22) e também da cidade (Ez 11,22-23). Portanto, esses lugares ficam sem a proteção divina e sujeitos à destruição. O que é curioso é a sua manifestação ao profeta numa terra estrangeira, no exílio. A glória de Deus não habita na Babilônia, mas se manifesta ao profeta e age, independentemente do lugar.

É típica de Ezequiel a fórmula “então conhecereis que eu sou o Senhor” (Ez 11,10; 12,16; 20,38.40.44; 29,6; 36,11; 37,6) para indicar a manifestação e a potência divina na história de Israel e seu domínio sobre Israel e as nações. A partir dessas ações, o povo de Israel reconhecerá Deus por meio do nome revelado a Moisés (Ex 3,14). Ezequiel não somente transmite uma mensagem, mas a experimenta em sua existência por meio das ações proféticas,

que são várias. Destacamos aqui algumas: deitar-se atado (Ez 4,4-8); ter os cabelos e a barba cortados (Ez 5,1-4); desenhar dois caminhos (Ez 21,24-25); a impossibilidade de chorar na morte de sua esposa (Ez 24,15-24).

Uma das características teológicas da profecia de Ezequiel é a centralidade do culto, visto que Deus manifesta sua glória de forma especial no Templo e na liturgia. Por conta dessa centralidade no culto, há uma ênfase na idolatria como um dos principais pecados de Israel (Ez 16; 6,3-14). São chamados de abominações não só os pecados realizados dentro do Templo, como a presença de representações de animais e ídolos (Ez 8,9-10.13), o culto ao deus babilônio Tamuz (Ez 8,14-15), a veneração voltada para o sol (Ez 8,16-17), como também aqueles realizados no âmbito cultural (Ez 22,11) e também social, ou seja, a injustiça, os crimes praticados (Ez 22,1-12) e a transgressão dos mandamentos. O autor também descreve, em todo o livro, a fidelidade de Deus e a grande infidelidade do povo, de forma especial do Reino do Sul, no decorrer da história (Ez 16). Essa infidelidade é destacada desde a permanência no Egito, durante toda a travessia pelo deserto (Ez 20,5-24) até a ocupação da Terra Prometida (Ez 20,25-31), acarretando na sua total destruição pelos babilônicos e no exílio. Nota-se que não há conversão por parte do povo, nem mesmo o reconhecimento de suas culpas, por isso a única possibilidade de salvação está em Deus, que realiza um novo êxodo: a libertação do exílio na Babilônia; o retorno à própria terra e o restabelecimento da Aliança, para se que possa viver em comunhão com Deus e em paz (Ez 16,39-44). A única esperança do povo é a fidelidade de Deus às promessas, ou melhor, ao seu Nome (Ez 20,44).

Ezequiel não profetiza somente contra Israel, mas também denuncia o pecado das outras nações, de forma especial dos povos vizinhos a Judá, Reino do Sul: Egito (Ez 17,7-8; 29,1-9;

31,1-9.15; 32,1-8.18); Tiro (Ez 26,1-28,19); Amon; Moab; Filisteia e Edom (Ez 25). Não se diz nada sobre a Babilônia, dado que ela é vista como um instrumento divino para punir pelas infidelidades de Israel-Judá. O grande pecado das nações é o “orgulho”, como tentativa de se igualar a Deus (Ez 28,1-2); porém todas serão punidas e dominadas pela Babilônia (Ez 28,6-10; 28,17; 31,2-11; 32,11). Essa destruição é representada por Gog, um personagem lendário que é inimigo do povo eleito (Ez 38,17-22; 39,1-5). Gog, seu exército, armas e aliados serão aniquilados (Ez 39,6.9-10) e, assim, será manifestado o poder de Deus para todo o povo eleito (Israel e Judá) e para as nações (Ez 39,16; 39,7.21-22). Israel terá uma vida nova (Ez 39,25-28).

Outro aspecto teológico peculiar de Ezequiel é a chamada “responsabilidade pessoal pelos pecados cometidos” em contraposição à concepção segundo a qual os pecados dos antepassados podem ser cobrados das gerações subsequentes (Ez 18; 33). Essa concepção era baseada na ideia de solidariedade entre os membros do clã, assim, atribuíam-se os males presentes e as catástrofes, nesse caso, o exílio, aos pecados dos antepassados, não sendo assumida a responsabilidade pelos próprios atos. Ezequiel denuncia essa mentalidade e reforça que é preciso ter responsabilidade pessoal pelos atos e opções realizados no presente (Ez 14,12-23; 18,1-32). Dessa forma, é necessário a conversão (Ez 33,10-20), a mudança de mentalidade e o seguimento de um novo estilo de vida, ao se ouvirem as palavras do profeta, que são mensagens divinas.

Um último destaque teológico é a perspectiva de futuro da profecia de Ezequiel descrita em Ez 40-48. Para esse profeta, o restabelecimento de Israel se dará com a restauração do Templo, com o retorno da glória de Deus nesse recinto (Ez 43,3-7) e com a renovação do culto. Esse templo escatológico é idealizado de

forma simbólica (Ez 40–42), ressaltando a sua perfeição (Ez 40–43) e o retorno da glória de Deus no santuário, transformando-se em fonte de vida plena para o povo (Ez 47,1-12). A terra será redistribuída, baseando-se no tempo de Josué, e cada tribo receberá a sua herança (Ez 47,13–48,14; 48,23-29). A cidade santa também será dividida entre os sacerdotes, levitas e o príncipe, de modo que não haverá mais usurpação de terras pelos governantes (Ez 48,15-22). Mas, antes disso, Deus mesmo será o guia de seu povo (Ez 34), o qual será transformado, purificado (Ez 36,25-28) de todo pecado e renovará sua Aliança com Deus (Ez 36,28). Pela força de Deus, receberá uma vida nova, pois será realizada uma nova criação, na qual Deus colocará seu Espírito no coração do povo, na sede de suas decisões e ações, e ele viverá (Ez 37,1-14).

4. NOSSO SUBSÍDIO

Este material contém quatro encontros baseados no Livro de Ezequiel (cada um é precedido por um texto preparatório sobre o trecho bíblico abordado), uma celebração e a maratona bíblica. O primeiro encontro trata da vocação e missão do profeta Ezequiel, narradas em Ez 1–4, porém refletiremos o texto de Ez 3,1-15. O tema do segundo encontro será a responsabilidade pessoal em Ez 18,21-28, um dos aspectos teológicos fundamentais da profecia de Ezequiel (18; 33). No terceiro encontro, unimos dois textos: Ez 16,44-63, que retrata toda a infidelidade de Israel, de forma especial a idolatria, e a promessa de uma renovação da Aliança, e Ez 36,16-38, que descreve em que consiste essa nova Aliança. A restauração de Israel a partir do Templo é o tema do quarto encontro, no qual será refletido o texto de Ez 47,1-12 e essa vida plena vislumbrada pelo profeta. O último encontro é reservado para a celebração de encerramento, retomando o texto do qual foi extraído o lema do mês da Bíblia (Ez 37,1-14).

5. ORIENTAÇÕES PRÁTICAS

Sugestões para a pessoa ou a equipe que conduzirá os encontros:

- ler com antecedência o “texto preparatório” e as indicações bíblicas;
- providenciar os símbolos indicados e preparar o ambiente para acolher os participantes;
- substituir os cantos desconhecidos por outros conhecidos, para favorecer a participação do grupo;
- realizar a celebração de encerramento com outros grupos: das comunidades, da paróquia, ou com grupos de interesse no aprofundamento da temática;
- se o encontro for *on-line*, são necessários alguns cuidados:
- encarregar uma pessoa da organização do ambiente, mantendo a câmera focada nos símbolos, durante o encontro; projetar em *PowerPoint* ou com outro aplicativo semelhante os símbolos solicitados e ter um/uma dirigente encarregado(a) de preparar as músicas, vídeos, explicação dos conteúdos, para animar o grupo e suscitar a participação de todas/todos;
- solicitar aos participantes que providenciem seu material (subsídio, símbolos, ou materiais para realizar as atividades);
- durante o encontro, manter o microfone do computador ou do celular desligado para evitar ruídos na transmissão.

A maratona bíblica pode envolver os membros do grupo que participaram dos encontros dos círculos bíblicos nas paróquias e comunidades ou nas casas. Podem ser também criadas outras modalidades adequadas à realidade local. Se for conveniente, pode-se premiar as pessoas ou grupos que acertarem o maior

número de questões. Os(As) animadores(as) deverão providenciar os prêmios e organizar o sorteio. No final dos encontros, o grupo é convidado a fazer uma avaliação e enviá-la para a equipe do SAB. Suas sugestões são valiosas para a preparação dos próximos subsídios do “Mês da Bíblia”.

O *QR Code* para baixar os cantos de Paulinas/COMEP (disponíveis nas plataformas digitais), a gincana bíblica destinada aos grupos juvenis e infantis, a avaliação e as sugestões de cursos destinados ao aprofundamento do Livro de Ezequiel se encontram no final deste subsídio.

6. PARA APROFUNDAR O TEMA

A BÍBLIA. São Paulo: Paulinas, 2023.

LIMA, Maria de Lourdes Côrrea. *O livro do profeta Ezequiel*.

In: Enciclopédia digital Theologica Latinoamericana.

Disponível em: <<https://teologicalatinoamericana.com/?p=1740>>. Acesso em: 13/12/2023.

SILVANO, Zuleica Aparecida (Org.). *Livro de Ezequiel: “Eu vos darei um coração novo”* (Ez 36,26). São Paulo: Paulinas, 2024.

TAYLOR, John B. *Ezequiel: introdução e comentário*. São Paulo: Vida Nova, 1984.

TEXTO PREPARATÓRIO
PARA O 1º ENCONTRO

VOCAÇÃO E MISSÃO PROFÉTICA
DE EZEQUIEL

O profeta inicia seu livro com a descrição de sua experiência pessoal de Deus, dentro de um contexto teofânico, ou seja, da manifestação divina. Nessa experiência, que se dá por meio de uma visão, há dois temas fundamentais: a vocação do profeta (Ez 2,1-3,3) e o envio ao povo de Israel, que é caracterizado como um povo rebelde, que não escuta o Senhor Deus (Ez 3,4-15). Nesse envio percebe-se uma série de conselhos e de exortações dadas por Deus, que sublinham a dificuldade com a qual o profeta se confrontará.

Para alguns autores, Ez 1-3 relata duas narrativas de vocação. A primeira se dará em Jerusalém, sendo relatada em Ez 2,1-3,9, e a segunda, na Babilônia, junto ao rio Cobar, com uma nova missão específica entre os exilados (Ez 1). Não há consenso quanto a essa hipótese, dado que outros biblistas acreditam que é somente um relato com duas visões. Porém, creem que a repercussão da missão de Ezequiel na Babilônia tenha chegado a Jerusalém. Desse modo, ele teria atuado somente entre os exilados. Antes de nos debruçarmos sobre a passagem de Ez 2,1-3,11, é importante colhermos os dados que nos são oferecidos em Ez 1. Em Ez 1,1-28 se diz que Ezequiel era um sacerdote do Templo de Jerusalém e que ele faz a experiência da “glória de Deus” em terra estrangeira, ou seja, da presença de Deus no meio dos exilados, na Babilônia. Isso será um dos conteúdos fundamentais da pregação de Ezequiel, a saber: a presença de